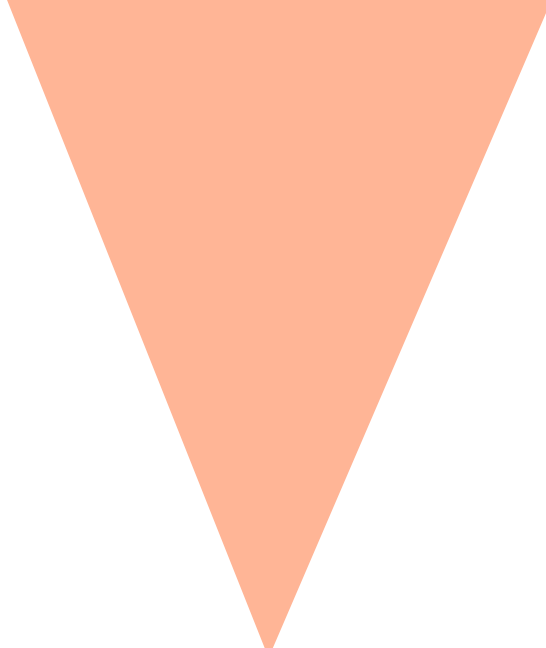




CULTURA E TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

colapso da imaginação?

Gislene Moreira'

-
- 1 Pós-doutoranda em Comunicação, Mulheres e Transição Energética (Flacso-México e UERJ), professora titular na UNEB, contato: ggomes@uneb.br.

RESUMO:

Este artigo discute os sentidos e imaginários da transição energética no cenário das mudanças climáticas a partir do olhar da Cultura. O trabalho apresenta uma discussão na área das Humanidades Energéticas por meio de uma revisão bibliográfica, entendendo as energias como produto histórico, social e fenômeno cultural. Desde a Ecologia Política e dos Estudos Culturais, analisa a narrativa da transição energética no modelo em implantação na Bahia. Os resultados inserem a transição nas disputas simbólicas em torno à descarbonização, evidenciando o sequestro dos projetos de futuro pelo Capitalismo verde. Inspirado em aportes Ecofeministas e Contracoloniais, o estudo busca ampliar horizontes para uma transição ecossocial, mais justa, plural e inclusiva. Aponta, ainda, a urgência de incluir as perspectivas dos povos tradicionais como inspiração para criação de uma cultura energética do bem viver, situando-a para além dos limites da visão hegemônica.

Palavras-chave: Transição energética; Cultura energética; Humanidades energéticas; Energia para o bem viver.

ABSTRACT:

This article discusses the meanings and imaginaries of the energy transition in the context of climate change. The work presents a bibliographic review in the area of Energy Humanities, understanding energies as a historical, social product and cultural phenomenon. It also analyzes the narrative of the energy transition of the model being implemented in Bahia, based on a critical reading from Political Ecology and Cultural Studies. The results insert the transition into the symbolic disputes surrounding decarbonization, highlighting the hijacking of future projects by the narrative created by Green Capitalism. Inspired by ecofeminist and countercolonial contributions, it seeks to broaden horizons for an ecosocial transition that is more just, plural and inclusive. And it points out the urgency of including the perspectives of traditional peoples as inspiration for the creation of an energy culture that goes beyond the limits of the hegemonic vision.

Keywords: Energy transition; Energy Culture; Energy humanities; Energy for good living.

INTRODUÇÃO

Na racionalidade moderna, a energia é um fenômeno físico relacionado à produção de força, luz e calor. Seu significado mais comum refere-se à capacidade de produzir trabalho, poder e potência. No debate hegemônico da transição energética, tornou-se sinônimo de eletricidade medida em *gigawatts*, quase que restrita às discussões tecnológicas das engenharias e das políticas econômicas (BOYER, 2019; HOWE, 2019). Contudo, a experiência junto a mulheres de comunidades tradicionais afetadas por megaprojetos energéticos no sertão do Brasil² e no México ensina a desconfiar desse conceito.

Os povos Masawal da Serra Norte de *Puebla*, por exemplo, apresentam **outras** 30 definições para energia. Após anos de debate público sobre o assunto, esses indígenas mexicanos – que resistem a hidrelétricas, à mineração e ao *fracking* – sintetizaram seu conceito como “energia para *yeknemilis*”. No idioma nativo *nahualt* (que significa literalmente “linguagem clara”), a energia *Masawal* é “o

-
- 2 Mais de cinco anos de ação junto ao OCA – Observatório dos Conflitos Socioambientais da Chapada Diamantina, e dois anos de investigação pós-doutoral com o Projeto A Guerra de Oiá – UERJ/Flacso-México sobre mulheres, narrativas e transição socioenergética.

que dá força ao coração, para e desde o bem viver” (LA SANDÍA DIGITAL, 2024, p. 02).

Esse trabalho entende que a variação de concepções reflete distintos projetos de mundo. Em mais de cinco anos acompanhando comunidades afetadas por megaprojetos energéticos, “ruídos” entre os discursos hegemônicos sobre as “energias renováveis” e as percepções dos atingidos provocaram a pensar a energia como um fenômeno cultural. A pesquisa se concentra em uma revisão sócio-histórica, que expande os debates sobre a transição para além das abordagens tecnicistas e econômicas da descarbonização.

Como Nêgo Bispo (2023) nos instiga que a pensar que a capacidade de nomear e dar sentido é uma questão de poder, esse artigo traz a questão energética para as disputas simbólicas da contracolônização. Desde aportes contracoloniais e ecofeministas, e da Ecologia Política e dos Estudos Culturais, reflete criticamente sobre os significados culturais da energia na civilização ocidental, e enfatiza o estudo de caso do modelo em implantação na Bahia, líder da transição energética no Brasil, como ponto de partida para compreender os alcances e sentido do novo modelo de desenvolvimento sustentável no semiárido brasileiro.

Metodologicamente, foram analisadas as peças de comunicação virtuais do Governo baiano para o lançamento da Política e Programa de Transição Energética (Protener)³, e os sites das 16 principais empresas que atuam diretamente no mercado das energias renováveis no estado. Elas são concessionárias produtoras, distribuidoras e comercializadoras de energia renovável no estado, sendo

.....
3 Lei nº 25.437/2024, sancionada pelo governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues em 28 de abril de 2024.

11 multinacionais⁴ e 05 brasileiras⁵, o que permite uma leitura macro do fenômeno para além dos limites locais.

Ao relacionar conceitos, perspectivas e atores envolvidos na construção simbólica do tema, o estudo busca colocar em evidência o conceito energético como parte fundamental dos jogos de poder contemporâneos em torno ao futuro da humanidade.

APROXIMAÇÕES CULTURAIS NA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

Segundo o Painel Intergovernamental de Mudança Climática (INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE, 2023), a dependência nos combustíveis fósseis é a principal causa da mudança climática global. A transição energética é, então, apresentada como principal aposta no processo de descarbonização e mudança da matriz de carbono a fontes consideradas menos poluentes, como os ventos, a água e o sol (SMIL, 2017b).

Perspectivas mais críticas situam a transição energética na região como um jogo de poder em que vários atores com diferentes interesses e projetos disputam o modelo, as fontes de energia. Em termos geopolíticos, a chamada transição energética trata de uma perigosa reordenação do Norte global, com o avanço do neoextrativismo sobre os países do Sul, acirrando conflitos socioambientais por meio da geração de novas dependências e do colonialismo verde (LANG; BRIGEL; MANAHAN, 2024). O discurso da transição “verde” faz parte de um cenário de obscuras violências como provocadas pela expansão capitalista (AZAMAR, 2024, p. 180).

-
- 4 Da França, *Volta*, *Engie* e *TotalEnergies*, que controla 50% do capital da brasileira Casa dos Ventos; da Noruega *Statkraft* e *Equinor*, que age nos bastidores por meio da compra da brasileira *Rio Energy* desde 2021; da Itália está a *Enel Green Power*. A chinesa *CGN*; a alemã *Sowitec*; e a *Pan American Energy*, com capital argentino, chinês e inglês da *British Petroleum* (BP) e *EDPR - Black Rock*; a britânica *Actis*, que opera através da empresa brasileira *Eólicas Babilônia*; e a espanhola *Acciona* que também atua em parceria com a Casa dos Ventos. E de capital misto brasileiro e norte-americano *Serena*;
 - 5 *Essentia Energia*, controlada pela Pátria Investimentos; a *Rio Energy* e a *Casa dos Ventos*, já citadas por sua associação direta com multinacionais; e a *CER Energia* e a *Quinto Energy*.

Maristela Svampa e Breno Bringel (2023) chamam o fenômeno como Consenso de Descarbonização, em que as mudanças na matriz de combustíveis fazem parte da criação de uma nova hegemonia global. A transição energética é parte do discurso do Capital para expansão e aprofundamento da espoliação em territórios e populações mais vulneráveis, entendidas como zonas de sacrifício (FURTADO, 2021). Os territórios mais isolados na América Latina estão se convertendo em espaços de tensão entre a linguagem neocorporativa dos megaprojetos de energia e seus discursos técnico-desenvolvimentistas-patriarcais frente contranarrativas de resistência (SVAMPA, 2018). Solnit e Lutunatabua (2023) argumentam que é no campo da linguagem que se está travando a batalha mais importante do século, em que os significados reais do que é entendido como ecológico está permeado de debates sobre a reestruturação produtiva e quem participa da nova sociedade.

No cenário de expansão do negócio elétrico renovável na Bahia⁶, identificou-se assimetrias linguísticas e diferenças semânticas até mesmo em termos mais básicos, como *Parque Eólico*. Enquanto a expressão é difundida por empresários e governos para designar as áreas de produção industrial de energia, em muitas comunidades afetadas, moradores imaginam tratar-se de espaços de lazer e recreação. Para além da explícita falta de acesso à informação⁷, a situação chama a atenção para a diferença de sentidos da transição energética.

Em Bellamy Foster (2005), a dificuldade reflete a fratura metabólica, em que a ruptura simbólica das relações entre sociedade e natureza

-
- 6 Na Bahia, o avanço dos megaempreendimentos nas serras do sertão reflete alianças entre o capital e a política estatal que na última década incentivou o neoextrativismo no semiárido, a partir de incentivos operacionais para a instalação dos grandes empreendimentos (LIMA, 2022). Destaca-se a Instrução Normativa 01/2020 do Governo do Estado que destinou o alto das serras do sertão como “corredores de ventos” destinados aos empreendimentos eólicos e solares, zona historicamente ocupada por remanescentes quilombolas e indígenas, e de comunidades tradicionais rurais (MARQUES *et al.*, 2021).
 - 7 Em nenhuma das comunidades afetadas acompanhadas no Brasil foi identificada a realização de audiências públicas, nem de Consultas Prévias, Livres e Informadas, como previsto na Convenção 169, da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

pela racionalidade moderna capitalista blindou as matrizes energéticas como uma questão técnica, desprovida de debates políticos, sociais e culturais. Superar essa ruptura implica pensar a energia não apenas como um fenômeno físico, mas como ação humana e cultural.

HUMANIDADES ENERGÉTICAS

O antropólogo americano Leslie White (1943) foi pioneiro na percepção da relação entre energia e cultura. Segundo a **Lei de White**, uma sociedade evolui culturalmente à medida que a quantidade e a eficiência da energia produzida aumentam. A teoria, criada antes da explosão da primeira bomba atômica no Japão, defendia que as mudanças nas matrizes energéticas produziam novas (e melhoradas) formas de civilização. Para White (1943), o acúmulo de conhecimentos, técnicas e recursos energéticos (inclusive a exploração da mão-de-obra escravizada), permitiram o desenvolvimento civilizatório do Egito Antigo até a Sociedade do Carvão.

Mas foi exatamente os resultados dessa fome desenfreada por novas fontes combustíveis, quem nos trouxe ao Antropoceno e fez surgir uma nova forma de abordagem da relação entre cultura e energia. Como uma crítica ao evolucionismo energético de White, a área das Humanidades Energéticas é uma ciência contemporânea que reconhece o Antropoceno como um fenômeno cultural. Ela destaca que as relações humanas com a energia produziram impactos globais com nível de cataclismos, a ponto de interferir nos fenômenos geológicos planetários (BOYER; SZEMAN, 2017; MISIL; KUJUNDZIC, 2021).

Autores como Daggett (2019) e Smil (2017) provocam pensar a crise contemporânea como produto histórico e cultural, resultado de transformações sociais, políticas e culturais das sociedades fósseis. A Civilização do Petróleo é um fenômeno sociocultural forjada a partir do uso massivo dos combustíveis fósseis como modelo de sociedade. Em Moore (2017; 2018), o entendimento de que não foi a ação de toda a humanidade que determinou a crise ecológica criou

o conceito de “Capitaloceno”, colocando a Revolução Industrial no século XIX como o momento histórico chave nas transformações geoplanetárias.

A literatura, o cinema, a arquitetura e as artes dos últimos séculos participaram desse processo por meio da criação e difusão de uma estética fóssil e de uma narrativa *petrocultural*. A hipervalorização simbólica da exploração de combustíveis de carbono foi a referência dos imaginários das sociedades modernas (VOSKUIL, 2016; SZEMAN; DIAMANTI, 2019). Esse projeto incentivou também os sonhos de poder e a construção de referenciais simbólicos até mesmo no comunismo da União Soviética (PORTER; VINOKOUR, 2023).

Retomando o conceito de hegemonia de Gramsci, tal leitura socio-cultural revela que a combinação da ciência termodinâmica com a voracidade dos interesses de poder econômico e político criaram imaginários de abundância e recursos infinitos que influenciaram a cultura energética de toda a civilização ocidental e continuam interferindo no projeto hegemônico de transição energética (BOYER, 2019).

Raymond Williams (2011) investigou o papel da linguagem na construção da hegemonia da industrialização moderna na Inglaterra. A partir de suas análises, é possível inferir não se trata de mera coincidência que a mesma palavra em inglês designa energia e poder. *Power*, no idioma-símbolo do capital, se refere tanto uma fonte de energia, quanto à força e poder político. Essa ambiguidade na linguagem do imperialismo fóssil reflete uma cultura energética que associou o consumo de carbono a estruturas de controle social, político e cultural.

O conceito *Plantationceno* de Gilbert (2015) defende que a colonização é o marco desse modelo que maximizou a dominação das fontes de energia na natureza, com o controle dos corpos e territórios em contextos mundiais. A Ecologia Decolonial de Ferdinand (2022) considera que as mudanças climáticas são fruto

da exploração extrativista e racista das colônias europeias na África, Ásia e América.

Para além da espoliação da terra e dos povos, a colonização criou imaginários de gozo permanente, ressaltando a extravagância, o luxo e o privilégio como valores e referências de utopia, em detrimento da exploração do outro. Vindel (2022) destaca que o mito da prosperidade infinita e da riqueza exponencial da Sociedade do Carbono só foi possível por meio da colonização cultural e energética, criando uma estética fóssil de consumo ilimitado. O crescimento econômico, o consumo em massa de bens e serviços, as políticas de bem-estar social e até mesmo o avanço dos direitos e liberdades políticas nas democracias do Norte Global foram realizados após séculos de dominação de recursos energéticos, corpos e territórios nas periferias globais.

A questão é que se apresenta é se os imaginários construídos em torno à transição energética superam esses limites e apontam estratégias de construção novos valores estéticos e éticos de relação entre energia e sociedade.

IMAGINÁRIOS DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

A Bahia emerge nesse cenário como protagonista e modelo da transição energética no Brasil, em que uma série de políticas estatais tem promovido nas últimas décadas uma série de reestruturações administrativas e normativas para favorecer a implantação das energias verdes no semiárido nordestino. Só no setor da energia eólica, a Bahia já registra mais de 300 usinas em funcionamento e até 2030 a expectativa é de que mais de 1160 estejam implantadas nas serras do semiárido baiano. Em abril de 2025, o Governo da Bahia lançou a Política e Programa de Transição Energética (Protener)⁸, sistematizando e ampliando a ação estatal

8
Lei nº 25.437/2024, sancionada pelo governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues em 28 de abril de 2024.

no setor, como protagonista do suposto desenvolvimento sustentável na região.

Esse artigo analisa o conteúdo da comunicação desses atores da transição energética na Bahia, entendendo que essa produção está permeada dos sentidos e significados hegemônicos sobre o assunto. Ele se concentra na análise sobre as estratégias governamentais de divulgação em suas páginas institucionais na Internet e analisa os sites das 16 principais empresas⁹ que atuam diretamente no mercado das energias renováveis no estado. Os produtos foram avaliados considerando a página de abertura, design, slogan, imagens e frases de destaque, mapa do site, missão e valores, e na identificação dos projetos desenvolvidos na Bahia.

O estudo do imaginário abordou a **narrativa textual**, identificando as palavras-chaves, conceitos utilizados e a linguagem predominante; e a **identidade visual**, enfatizando o olhar crítico em torno da paleta de cores, elementos gráficos, tipologia e imagens predominantes. A partir da mescla dessas categorias analíticas, foram identificados padrões simbólicos comuns à comunicação corporativa do mercado de energias renováveis e ao discurso do Governo baiano.

Sobre a linguagem visual prioriza uma estética tecnofuturista, que exalta o poder das tecnologias e do capital no enfrentamento da crise climática. As imagens e fotografias predominantes evidenciam a grandeza dos equipamentos e seus empreendimentos. Essa estética permeia também a paleta de cores, com tons mais frios e artificiais. A título de ilustração, segue a capa da página virtual da multinacional alemã Sowitec, apresentada a seguir:

.....
9 Os sites das empresas estrangeiras foram avaliados tanto nas versões do país de origem e no Brasil.

Figura 1 – Tecnologia e poder



Fonte: Sowitec, último acesso em 03.09.2024.

A multinacional destaca em primeiro plano a imagem das torres eólicas e dos painéis fotovoltaicos como signo da transição energética. Em um cenário completamente cinza, aparece uma espécie de janela ao céu azul, onde surge o *slogan* *The Power of Future*. Essa janela é também a logomarca da empresa. A natureza aparece no canto inferior direito, em perspectiva visivelmente diminuta frente aos aparatos tecnológicos. Ela traduz um imaginário permeado de valores masculinizados em torno a ideais de grandeza, força, valentia e agressividade.

Já a narrativa tem seu foco no *slogan* que pode ser traduzido como o poder do futuro. Não por acaso ele joga com a duplicidade de sentidos de energia (*power*) em inglês. Poder e futuro estão diretamente associados, reforçando o protagonismo da empresa como agente poderoso na criação de soluções que prometem a estabilidade e a segurança sob o argumento da sustentabilidade. A publicação reforça termos como inovação, pioneirismo, potência e resultados, remetendo à expansão do mercado para novas fontes

energéticas. A extração energética do sol e do vento demonstra a supremacia do capital frente às ameaças naturais contemporâneas. Essa linguagem recria o imaginário que associa a ideia de progresso com a exploração de recursos naturais como fonte de privilégios e gozo ilimitado. O crescimento exponencial infinito do consumo energético só é possível a partir do extrativismo da natureza reduzida a um recurso dentro do projeto capitalista de futuro da sociedade. A sustentabilidade está associada com a abundância de matrizes de energia.

O valor e a potência do sol, da água, dos minerais e dos ventos na vida da humanidade são reduzidos à capacidade elétrica e medidos em *gigawatts* por meio de uma operação simbólica que reduz o conceito de energia à eletricidade. Essa transmutação simbólica subordina o poder das energias naturais à ação da tecnologia humana, e os transforma em bens, em uma mercadoria passível de compra e venda, os quais podem ser monetizados como *commodities*.

A retórica aponta a uma suposta reconciliação do capital com a natureza em que os *slogans* prometem um futuro pleno, próspero e de cuidado com o planeta. Frases como “Energia natural empoderando a natureza”, da gigante chinesa CGN, e “Empoderando o progresso”, da multinacional francesa EDF Renewables, ou “Juntos construindo o futuro”, utilizada pela brasileira Casa dos Ventos, são exemplos de tal narrativa. A partir desse enredo, as empresas de energia anunciam prosperidade e bem comum.

Como parte da promessa de geração de abundância ilimitada, em todos os sites os textos evidenciam números relativos ao crescimento econômico, como quantidades de empregos e energia gerados e lares beneficiados, emissões de gás carbônico reduzidas e o volume de capital investido. Balanços financeiros destacam ganhos e projeções econômicas que ilustram o discurso neodesenvolvimentista que promove a adesão pública ao Consenso da Descarbonização sem questionamentos e sem culpa.

Em uma de suas peças, a Serena apresenta o paraíso do novo milênio representado por pequenas torres de energia e umas poucas placas solares instaladas em uma comunidade ideal. Na peça publicitária, as tecnologias de energia renovável se inserem no cotidiano, convivendo com pessoas, residências, comércios, áreas de lazer e elementos naturais em perfeito equilíbrio. Ela reforça a ideia de uma energia próspera, barata, limpa e sem culpa, e busca uma linguagem que popularizar os negócios da transição energética ressaltando o potencial de escolha dos “clientes” e o fetiche que concilia bem-estar com prosperidade financeira. Nada mais distante da realidade. Nos parques eólicos da empresa em Bonito, na Bahia, as torres afetam propriedades rurais e inviabilizam antigos modos de vida de uma população que sequer reconhece o nome da empresa que os atinge.

Na narrativa da transição do Governo da Bahia do Protener a parceria com o capital privado se anuncia como protagonista da transição energética. As peças de comunicação da nova Política Energética voltada reproduzem o modelo mercantil que aposta no imaginário da produção industrial energética que se apresenta como sustentável, tendo como foco o desenvolvimento do semiárido baiano a partir de tecnologias de exploração das novas fontes de combustíveis associados com a mineração de recursos estratégicos para a transição. Ela aparece então como uma área multimodal, em que vários setores e áreas da administração pública e da economia estão estreitamente articulados.

Figura 2 – Programa de Transição Energética da Bahia (Protener)



Fonte: Instagram do Governador Jerônimo Rodrigues, último acesso em 07.05.2025.

Essa parceria se reflete na imagem acima. A campanha de lançamento nas redes sociais prioriza a foto do governador Jerônimo Rodrigues em uma usina de energia eólica. Sorridente, ele protagoniza a transição baiana e se apresenta, literalmente, de braços abertos para o setor. Importante destacar que o governador é do Partido dos Trabalhadores (PT), liderança histórica do movimento campesino do semiárido que se tornou o principal garoto-propaganda do capitalismo verde na região.

Essa informação é importante porque retrata tanto a camuflagem dos interesses dos grupos econômicos na ideia de interesse público, bem como o afastamento da Política (e da gestão petista) das comunidades afetadas pelos megaprojetos. Elas não estão apenas ausentes das imagens e dos discursos de ambos os setores. No Protener também

não estão previstos mecanismos de participação popular e debate público sobre transição energética do Estado.

Em síntese, os dados evidenciam a fragilidade das democracias e da participação popular no debate energético, uma vez que prevalece o discurso produzido pelo capital. O projeto energético-econômico também se revela como um projeto discursivo que produz narrativas de sequestro e redução do debate sobre a emergência climática em torno da reprodução sistemática das ideias-chave de **Conquista e Prosperidade**.

A ideia da **conquista** está ancorada em imagens e tramas narrativas que celebram o domínio da tecnologia sobre a natureza e o avanço do capital sobre os territórios. Ela reproduz e reafirma as antigas estruturas simbólicas de dominação do poder econômico patriarcal e colonizador sobre as **zonas de sacrifício** e seus povos tradicionais.

A chave da **prosperidade** já realiza uma operação discursiva que fetichiza a natureza, e prioriza imaginários que reduzem a energia a seus ganhos econômicos. O emaranhado narrativo do Capital naturaliza a exploração comercial dos territórios e converte os elementos naturais essenciais para a reprodução da vida em meras mercadorias. Tal modelo não se reproduz apenas nos meios governamentais ou mercantis. Ele permeia a narrativa difundida nos meios de comunicação e canais de informação, em que se evidencia uma aliança midiático-mercantil que estreita os imaginários em torno da energia, e anula ou minimiza outras perspectivas, vozes e atores socialmente relevantes nas interações políticas.

A mercantilização dos imaginários da transição energética blinda a área de um debate público mais amplo. Essa manipulação discursiva faz parte da construção energético-econômica hegemônica de um modelo energético centralizado, excludente, ecocida e epistemicida. Sua narrativa implementa a exclusão e apaga simbolicamente comunidades e vozes dissidentes, reproduzindo a violência por meio de seus discursos e projetos de sustentabilidade (Ulloa, 2021).

Acima de tudo, o discurso hegemônico da transição energética legítima, naturaliza e aprofunda as violações dos direitos dos povos mais vulneráveis, e indica a não superação da crise climática como projeto possível de futuro coletivo.

OUTRAS VOZES

Em Yayo Herrero (2024), todo o discurso de transição capitalista não passa de uma **perigosa fantasia** construída a partir de desejos humanos alheios aos limites da natureza. A engenheira e antropóloga espanhola defende que a disputa dessa hegemonia cultural criada pelo patriarcado passa por redefinir as relações de alteridade, a partir da criação de outros modelos de transição ecológica justa. Em uma perspectiva ecofeminista, as narrativas e tecnologias de reestruturação produtiva da transição do capital estão historicamente vinculadas ao patriarcado e ao aprofundamento da violência de gênero, ampliando as desigualdades entre homens e mulheres e moldando imaginários baseados em “valores masculinos, individualizantes, competitivos e misantrópicos” (RÁTIVA-GAONA, 2023, p. 62).

Mies e Shiva (1997) e Federici (2024) aprofundam esse olhar sobre as relações de gênero na divisão sexual do trabalho em que o patriarcado se construiu a partir do domínio dos corpos das mulheres e natureza. As autoras provocam a repensar a história humana desde uma perspectiva em que o trabalho reprodutivo e dos cuidados foram sistematicamente despojados dos espaços e lógicas de poder.

Essa visão patriarcal da energia transborda na construção simbólica analisada anteriormente. A linguagem dos textos reflete uma obsessão discursiva por liderança no mercado, em que priorizam dados sobre o volume de investimentos, a quantidade de produção de energia, bem como a capacidade das turbinas e o número de torres ou placas solares. Como reflexo do ego dos homens brancos que se sentem com poder de decidir o curso da humanidade e do planeta, as imagens das torres eólicas podem ser lidas como falos

que reproduzem a o domínio do patriarcado sobre a natureza, seus povos e territórios.

O resultado desse modelo é uma transição falaciosa que reflete o agravamento da guerra contra a vida e a natureza (Herrero, 2021). A extinção da diversidade (da vida, do outro e dos discursos), em suas múltiplas formas de existência, é um grande desafio do Antropoceno (Colenbrook, 2012). Ou em linguagem mais dramática, do Chutuloceno, entendido por Haraway (2016) como a imposição das línguas multiespécies da natureza (como o aquecimento global ou os fenômenos climáticos catastróficos) como gritos de protesto que ecoam e interferem diretamente na disputa global. Cymene Howe (2019) expande a noção do outro aos seres visíveis e invisíveis, reivindicando a natureza como parte da alteridade.

Desde essas perspectivas, é possível identificar que a transição energética chega América Latina ainda dentro da lógica da colonização. Lang, Brigel e Manahan, 2024 situam o fenômeno como parte do reposicionamento do continente como produtor de matérias-primas na nova corrida global por segurança energética, forçando o modelo de megaprojetos sob lógicas e discursos violentos nos quais certas paisagens, corpos e populações são declarados descartáveis. Uma das consequências desse colonialismo é o racismo ambiental e energético, em que a implementação de megaprojetos de energia renovável afeta principalmente comunidades indígenas e afrodiáspóricas no Sul Global (TORNEL, 2022, p. 43).

O giro ecoterritorial de Maristela Svampa (2018) alerta que as mulheres são as principais frentes de resistência ao modelo hegemônico de transição energética. Como defensoras dos territórios, a luta ecofeminista realizada desde as comunidades ancestrais periféricas latino-americanas desafiam modelos políticos tradicionais. Para Escobar (2020), o confronto político com esse modelo é fundamentalmente ontológico, desconstruindo os marcos históricos e simbólicos que tornam invisíveis outras narrativas, modos de vida e relações com a natureza. O autor aponta os pluriversos como a

necessidade contemporânea imperativa de construir outros referenciais de mundos e futuros possíveis. Isso inclui, fundamentalmente, repensar a energia desde outros pontos de vista.

Para Tornel (2022), o grande desafio dos campos progressistas na transição energética é ampliar horizontes e imaginários energéticos daqueles que vêm de baixo, enfatizando a importância dos territórios da vida. Enrique Leff (2019) aposta que a solução para o colapso ecológico está na geração de uma racionalidade ambiental, uma mudança epistemológica que prioriza o patrimônio biocultural dos povos da Terra, entendidos como aqueles que geraram e mantiveram formas específicas de vida em harmonia ecológica com os mais variados ecossistemas do planeta.

Nesse jogo, conceitos como democracia energética, justiça energética, transição socioenergética e transições ecossociais tanto expressam críticas à redução e monopolização do tema pelo modelo capitalista hegemônico quanto buscam incluir outros atores e parâmetros no debate da descarbonização. Em síntese, há um debate crescente em torno do sistema energético que vai além do discurso econômico e técnico, incorporando as dimensões humana, social, política e cultural da energia.

CONCLUSÕES / CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Antropoceno não é apenas uma crise ambiental ou social. A releitura da cultura fóssil e a análise das narrativas em torno à transição energética indicam o colapso da imaginação ocidental em suas relações com a energia. Desde perspectivas mais críticas, entende-se que a crise climática é um produto cultural do Capitaloceno, no qual os limites planetários sinalizam a urgência de descarbonizar a imaginação e as utopias após séculos embaçados pela fumaça da estética fóssil.

A revisão sociocultural das energias aponta os perversos mecanismos simbólicos hegemônicos de uma cultura energética baseada nas lógicas de espoliação, consumo e predação do outro. Palavras

como energia, verde e ecológico aparecem como significantes vazios, desprovidos de sentidos e da transformação radical exigida pelo colapso civilizatório. A linguagem da transição energética difundida pelo capital e governos aparece blida, limitada e reduzida a conceitos rasos, de pouca amplitude de proposição de mudanças efetivas sobre o futuro da espécie humana (e do planeta).

A falência da Sociedade do Carbono vai além da necessidade de mudança de fontes materiais de energias. Ela indica a urgência de expandir paradigmas para além das lógicas de consumo e mercantilização da natureza. A cultura fóssil continua presente no discurso hegemônico da transição energética, associando fontes de energia à manutenção e à expansão do poder capitalista. Essa visão da energia quantificável e comercializável é, portanto, parte de um imaginário que perpetua as lógicas do lucro, do consumo e do privilégio, sustentado pela supressão e exploração do diferente.

Para não nos resignarmos à distopia, depois de séculos em que a paixão pirotécnica pelo petróleo atuou como farol cultural da civilização capitalista, esse trabalho aposta nos ruídos e divergências em torno à transição energética como ponto de partida para a busca de soluções concretas. Se a crise climática é uma crise da imaginação, pensar a energia a partir da perspectiva dos povos da terra e de seus territórios de vida pode ser a chave para enfrentar esse cenário catastrófico.

Povos indígenas, quilombolas e camponeses latino-americanos, que ao longo de séculos construíram um patrimônio biocultural de vida em harmonia com natureza nas periferias do capital, reacendem aqui a esperança de ampliar o debate em torno às fontes energéticas para além da racionalidade moderna, colonial e patriarcal da energia.

Desde a cosmovisão ancestral, Acosta (2016) aposta que é possível pensar em soluções e inovações tecnológicas, políticas, estéticas, éticas e ontológicas que surgem de um lento e gradual processo de retomada dos saberes sagrados desses povos sobre o fogo, o vento, a água entre outros elementos. Para além das relações utilitaristas

e dicotômicas, apresentam lógicas de reciprocidade entre humanos e seres sobre-humanos visíveis e invisíveis, reconectando a humanidade de maneira mais profunda com a natureza e sua diversidade. Frente ao colapso da imaginação da transição energética hegemônica, retomamos a inspiração dos povos Masawal e seu conceito de *Energia para el Yeknemilis*. Na transição socioenergético. É urgente *corazonar* a energia, e buscar imaginários e repertórios simbólicos que priorizem o bem viver como sentido prioritário do pensamento energético do futuro.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. *O Bem Viver – Uma oportunidade de imaginar outro mundo*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- AZAMAR, A. *El multicolor de la energía: desafíos y oportunidades para la transición energética*. México: UAM; Fundación Rosa de Luxemburgo, 2024.
- BISPO DOS SANTOS, A. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.
- BOYER, D. *Energopolitics. Wind and Power in the Anthropocene*. Durham and London: Duke University Press, 2019.
- BRINGEL, B.; SVAMPA, M. Del «Consenso de los Commodities» al «Consenso de la Descarbonización». *Revista Nueva Sociedad*, [S. l.], n. 306, julio-agosto 2023.
- BROFFONI, F. *Colapso: ¿Cómo transitar el umbral de los mundos por venir?*. Buenos Aires: Sudamericana, 2024.
- COLEBROOK, C. *Extinction*. London: Open Humanities Press, 2012. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/345899370/Colebrook-Claire-2012-Extinction>.
- DAGGELT, C. N. *The birth of energy: Fossil fuels, Thermodynamics, and the Politics of work*. Durham and London: Duke university press, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1215/9781478005346>
- DORRELL J.; LEE, K. The Politics of Wind: A state level analysis of political party impact On wind energy development in the United States. *Energy Research & Social Science*, [S. l.], v. 69, 2020.

- DURÁN, R.; REYES, L. *En la espiral de la energía – Colapso del capitalismo global y civilizatorio*. Vol 2. Madrid: Libros en Acción y Baladre, 2014.
- ESCOBAR, A. *Pluriversal Politics: The Real and the Possible*. Durham: Duke University Press, 2020.
- FEDERICCI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2024.
- FERDINAND, M. *Uma Ecologia Decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- FOSTER, B. *A Ecologia de Marx: materialismo e natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FURTADO, F. *Energia renovável em comunidades no Brasil: conflitos e resistências*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.
- GILBERT S. *Ecological Developmental Biology*. The Environmental Regulation of Development, Health, and Evolution. 2nd ed. USA: Sinauer Associates, 2015.
- HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom – Vulnerabilidade* [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016.
- HERRERO, Y. Transición ecosocial xusta versus falsas solucións. *Cerna: Revista galega de ecoloxía e medio ambiente*, [S. l.], n. 91, 2024.
- HOWE, C. *Ecologics. Wind and Power in the Anthropocene*. Durham and London: Duke University Press, 2019.
- INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). *AR6 Synthesis Report*. [S. l.]: Climate Change 2023.
- JAMES, G. Stolen Legacy: Greek Philosophy is Stolen Egyptian Philosophy. *The Journal of Pan African Studies*, [S. l.], 2009.
- KLINGER, M; AMELI, N.; RICKMAN, J. *Large-scale green grabbing for wind and solar photovoltaic development in Brazil*. *Nat Sustain* 7, 747–757, 2024.
- KRENAK, A. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Cia das Letras, 2022.
- LA SANDÍA DIGITAL. *Energía para el Yeknemilis-XA Tlan Latamat (Buen Vivir)*. México: La Sandía Digital, 2024.

- LANG, M.; BRINGEL B.; MANAHAN, M. Más allá del colonialismo verde: justicia global y geopolítica de las transiciones ecosociales. Buenos Aires: Clacso, 2023.
- LEFF, E. *El fuego de la vida*. Heidegger ante la cuestión ambiental. México: Siglo XXI, 2019.
- LIMA, A. *A natureza contraditória da geração de energia eólica no Nordeste do Brasil*. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2022.
- LOWY, M. Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecosocialista. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 26, n. 67, p. 79–86, jan./abr., 2013.
- MALM, A. *Capital fósil*. São Paulo: Elefante, 2025.
- MARQUES, J.; BARRETO, B.; BARREIRO, B.; MAIA, R. *O cárcere dos ventos: destruição das serras pelos complexos eólicos*, volume 3. Paulo Afonso, BA: SABEH, 2021.
- MARTINS, L. M. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MIES, M.; SHIVA, V. *Ecofeminismo: teoría, crítica y perspectivas*. Espanha: Icaria, 1997.
- MISIK, M.; KUJUNDZIC, N. *Energy Humanities*. Current State and Future Directions. Cham: Springer, 2021. DOI: 10.1007/978-3-030-57480-2
- MOORE, J. W. The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis. *The Journal of Peasant Studies*, [S. l.], v. 44, n. 3, p. 594–630, 2017.
- MOORE, J. W. The Capitalocene Part II: Accumulation by Appropriation and the Centrality of Unpaid Work/Energy. *Journal of Peasant Studies*, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 237–279, 2018.
- PINEDA, V. *Cultura peruana e história dos incas*. Fundo Econômico de Cultura, Lima, 2001. p. 333.
- PORTER, J.; VINOKOUR, M. *Energy Culture: Work, Power, and Waste in Russia and the Soviet Union*. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2023.
- RÁTIVA-GAONA, S. Pensar la energía desde el feminismo. *Ciencias y Humanidades*, Mexico, año 3, n. 7, 2023.

- SÁNCHEZ, F.; MORA, A. Epistemologías del fuego, una propuesta a partir del pensamiento ancestral. *Revista Misión Jurídica*, [S. l.], v. 12, n. 16, p. 281-308, 2019.
- SMIL, V. *Energy and Civilization: A History*. REV-Revised, 2. [S. l.]: The MIT Press, 2017a. <http://www.jstor.org/stable/j.ctt1pwt6jj>.
- SMIL, V. *Energy Transitions Global and National Perspectives*. Santa Barbara, California: Praeger, 2017b.
- SOLNIT, R; LUTUNUTABA, T. *Not Too Late: Changing the Climate Story from Despair to Possibility*. New York: Haymarket books, 2023.
- SVAMPA, M. *Las fronteras del neoextractivismo em América Latina: conflictos socioambientales, giroecoterritorial y nuevas dependências*. Guadalajara: CALAS, 2018.
- SZEMAN, I.; DIAMANTI, J. *Energy Culture: Art and Theory on Oil and Beyond*. Morgantown: West Virginia Press, 2019.
- TRALDI, M. Acumulação por despossessão e green grabbing: parques eólicos, arrendamento e apropriação de terras no semiárido. *Revista ambiente e sociedade*, São Paulo, v. 24, p. 1-24, 2021.
- TORNEL, C. Decolonizing energy justice from the ground up: political ecology, ontology, and energy landscapes. *Progress in Human Geography*, [S. l.], v. 47, n. 1, p. 43-65, 2022.
- ULLOA, A. Transformaciones radicales socioambientales frente a la destrucción renovada y verde. *Revista de Geografía Norte Grande*, La Guajira, Colombia, n. 80, p. 13-34, 2021.
- VINDEL, J. Anthropocene as Energy Imaginaries: Fossil Culture between Industrial Revolution and Ecological Crisis. *European Journal of Creative Practices in Cities and Landscapes*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 43-60, 2022. <https://doi.org/10.6092/issn.2612-0496/14657>
- _____. *Estética fósil: Imaginarios de la energía y crisis ecosocial*. Barcelona: Arcadia, 2020.
- VOSCKUIL, L. *Nineteenth-Century Energies: Literature, technology, culture*. London: Routledge, forthcoming 2016.
- WHITE, L. Energy and the Evolution of Culture. *American Anthropologist*, [S. l.], v. 45, p. 335-356, 1943. <https://doi.org/10.1525/aa.1943.45.3.02a00010>
- WILLIAMS, R. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.